

O LUGAR E A CARTOGRAFIA EM “O HOBBIT”: UMA REFLEXÃO GEOGRÁFICA PARA O ENSINO

Robson Ronan Lima de Moraes¹

Luiz Eduardo do Nascimento Neto²

RESUMO

O mundo contemporâneo reserva desafios consideráveis para o ensino e aprendizagem em decorrência do avanço dos meios de comunicação e a pulverização de incontáveis formas de entretenimento, uma vez que estes captam e monopolizam a atenção dos jovens. Dentro desta ceara, a possibilidade de implementação de materiais paradidáticos como filmes, jogos, peças, livros e etc., pode auxiliar nesta “competição” pela atenção dos(as) alunos(as), uma vez que estes produtos, em sua maioria, servem a fins de entretenimento, desta forma, a assimilação desse tipo material representa a incorporação do entretenimento como ferramenta de ensino, ao invés de renuncia-lo. Isto posto, o presente trabalho analisou as possibilidades que o livro O Hobbit de J.R.R. Tolkien (2019) apresenta como material paradidático para o entendimento do conceito geográfico de lugar e para cartografia, focando em como estes podem ser vistos e discutidos a partir da obra analisada. Onde constatou-se a potencialidade que obras literárias de fantasia como “O Hobbit” apresentam, uma vez que possibilitou traçar paralelos diretos com o pensamento de autores da Geografia e cartografia a respeito dos elementos analisados, abrindo assim, precedentes para seu uso em fins paradidáticos para os mesmos.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino. Geografia. Literatura. Lugar. Cartografia.

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto pós-moderno, marcado pela pulverização dos meios de comunicação e entretenimento, é difícil despertar o engajamento dos alunos pelas aulas, bem como a compreensão dos conteúdos, onde para os educadores inseridos neste contexto, como já assinalava Freire (1987), faz-se essencial a utilização de ferramentas que possam “competir” com tais pontos de distração. Diante deste desafio, o uso de materiais paradidáticos pode surgir como um auxiliar neste processo, pois, de acordo com Azevedo (2013), este tipo de material pode despertar o interesse dos alunos pelo fato de não necessariamente terem sido

¹ Aluno do curso de Licenciatura em geografia do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros/RN; e-mail: robsonronan@alu.uern.br

² Professor do Curso Licenciatura em geografia do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau do Ferros/RN; e-mail: luizeduardo@uern.br

desenvolvidos para fins de ensino e aprendizagem em essência, mas que, mesmo assim, podem ser usados para esta finalidade, tais como: filmes, músicas, peças de teatro, livros, dentre outros.

Neste sentido, o presente trabalho analisou as potencialidades que o livro “O Hobbit” de J.R.R. Tolkien apresenta como material paradidático para o entendimento do conceito geográfico de lugar e para cartografia, focando em como estes podem ser visualizados e discutidos a partir da obra analisada. Dito isto, o livro apresenta as propriedades defendidas por Azevedo (2013) e Fernandes (2008), no que se refere a materiais paradidáticos, uma vez que mesmo sua narrativa não apresentando o conceito geográfico de lugar e a cartografia como centrais, ao analisá-la a partir de um olhar geográfico, foi possível visualizar e desenvolver estes elementos, abrindo assim, precedentes para seu uso em fins paradidáticos para os mesmos.

Isto posto, o trabalho se legitima pela necessidade já preconizada na atual legislação brasileira para o ensino, que requer em sua Base nacional (BNCC) a aplicação de recursos e ferramentas didático metodológicas que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem. Alinhadas com as discussões propostas no presente trabalho, dentro das bases curriculares para o ensino em Geografia encontram-se as seguintes unidades temáticas: O sujeito e seu lugar no mundo e Formas de representação e pensamento espacial, auxiliando assim para o entendimento e desenvolvimento das referidas unidades. Vale ressaltar também, que “O Hobbit” foi aprovado no ano de 2021 pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) como livro paradidático. Dessa forma, é pertinente discutir suas potencialidades para o ensino em diversas áreas do saber, no caso específico do presente trabalho, em Geografia.

O Hobbit é um livro de fantasia originalmente publicado no ano de 1937 pelo escritor, professor e Catedrático em Filologia Comparativa de Oxford, J. R. R. Tolkien, e que mesmo após 50 anos de sua morte no ano de 1973, ainda é tido como o pai da fantasia moderna e o autor de fantasia mais influente de todos os tempos, tendo como sua principal obra publicada, O Senhor dos Anéis. O Hobbit narra os acontecimentos anteriores aos de “O Senhor dos Anéis”, sobre aventura fantástica dos anões de Erebor (reino fictício criado pelo autor) para reaver o seu reino, o seu lugar, após este ter sido tomado pelo dragão Smaug.

Durante e após o desenvolvimento do trabalho, tornou-se perceptível como a referida obra transcende essa apresentação inicial, pois ao debruçar-se sobre esta a partir de uma percepção geográfica, no que Azevedo (2013) chama de análise/ enfoque geográfico, foi possível relacionar os acontecimentos e ideias contidos na obra, com os pensamentos de autores da Geografia como Lisboa (2007) e Tuan (1983) a respeito do conceito geográfico de lugar, bem como com o pensamento de autores como Raisz (1969) e Menezes (2013) no que tange a cartografia.

2 METODOLOGIA

O trabalho seguiu uma abordagem qualitativa, que como afirma Godoy (1995), consiste na atribuição de significados, substancia e caracterização do objeto estudado. Dessa forma, visou-se analisar o livro “O Hobbit” com o objetivo de visualizar, discutir e desenvolver o conceito geográfico de lugar, bem como elementos da cartografia. Para assim, defender sua potencialidade como material paradidático para o ensino e aprendizagem destes.

Para tal fim, se fez uso de pesquisa bibliográfica, visando análises e percepções sobre o conceito de lugar para a Geografia, bem como sobre cartografia perceptíveis na narrativa do livro, e compreender a natureza do material paradidático afim de localizar, interpretar e analisar estes elementos, apoiando-se no que Azevedo (2013) chamou de enfoque e análise geográficos.

O enfoque ou análise geográfica, adotado por Azevedo (2013), consiste em uma pesquisa de cunho fenomenológico, pois parte da percepção do pesquisador, que deve buscar, através de um direcionamento geográfico em sua percepção e análise, localizar e interpretar conceitos, conteúdos e temas da Geografia em determinada obra.

Após identificação e interpretação, foram feitos os paralelos necessários entres os elementos localizados e os conteúdos propostos, no que Cavalcante (2020) chama de Geografia Literária, que consiste na capacidade de discutir, desenvolver e problematizar conteúdos e temas da Geografia através de uma obra de literatura que não necessariamente trate de conteúdos geográficos em essência, apontando caminhos metodológicos, para assim, defende-la como material paradidático.

3 REVISÃO TEÓRICA / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se discutir as potencialidades do livro O Hobbit (TOLKIEN,2019) como material paradidático no ensino e aprendizagem do conceito geográfico de lugar e do uso de cartografia no ensino de Geografia, faz-se necessária algumas compreensões. Primeiro a respeito do que se configura como um material paradidático, seguida da compreensão sobre o uso de literatura como material paradidático no ensino de Geografia e, por fim, o entendimento acerca do conceito geográfico de lugar, bem como de cartografia, e seus papeis para o ensino de Geografia.

3.1 O PARADIDÁTICO

Existe uma distinção entre o que é um material didático e um paradidático que necessita ser entendida. Material didático, é todo aquele idealizado especificamente para o ensino e aprendizagem, caracterizando-se assim, como um produto pedagógico facilitador da aprendizagem e do ensino de determinado conteúdo (BANDEIRA, 2009).

Diferente do material didático, como afirma Azevedo (2013), o material paradidático não precisa ter o enfoque do ensino e aprendizagem em sua idealização e desenvolvimento. Mas, possibilita gerar nos alunos interesse, reflexão e aplicação dos conteúdos, absorvendo-os seja através de um filme, música, poema, série, peça teatral, e no caso específico deste trabalho, um livro de fantasia.

Apesar de não terem sido idealizados necessariamente para o ensino, os materiais paradidáticos quase sempre são utilizados como apoio aos didáticos com intuito de aprofundar ou elucidar o processo de ensino e aprendizagem. Devido ao caráter direto e explícito em relação ao conteúdo, o material didático pode ser pouco interessante para os alunos. Convém mencionar que por vezes, os próprios materiais didáticos apresentam recomendações de materiais paradidáticos no intuito de gerar o interesse e a compreensão dos conteúdos pelos(as) alunos(as). (FERNANDES, 2008).

Ainda sobre o paradidático, especificamente sobre livros paradidáticos, Bittencourt (2008) segue nesta mesma linha, apontando que podem ser entendidos, também, como livros paradidáticos, obras literárias produzidas sem fins pedagógicos, mas que mesmo assim, podem servir a este propósito. Onde para Azevedo (2013), tal fim pode ser alcançado através do envolvimento e curiosidade gerados nos alunos(as) pelos personagens e trama de determinada obra literária, pois é valendo-se desse envolvimento, que se deve traçar o enfoque e análise geográfico, para através de tal, desenvolver os paralelos e potencialidades que obras de literatura, sobretudo literatura de fantasia, podem apresentar para discussões geográficas.

3.2 LITERATURA COMO MATERIAL PARADIDÁTICO NA GEOGRAFIA

Literatura, mesmo aquela não-científica, ainda se configura como detentora de saberes, uma vez que em suas inúmeras ramificações e gêneros, representa um espelho e esponja dos conhecimentos, descobertas e valores humanos, apresentando assim precedentes para seu uso em fins paradidáticos. Dessa forma, a literatura apresenta a capacidade de partir do particular de suas narrativas específicas, para temas e subtemas mais universais. Possibilitando assim, destacar temas, conteúdos e conceitos para além da camada superficial e objetiva de suas narrativas e personagens (FUENTES, 2019).

Para Araújo (2020), a literatura carrega uma valorização das experiências e saberes construídos socialmente, o que engloba saberes geográficos, e tem potencial de uso paradidático através das experimentações subjetivas e afetivas estabelecidas com a narrativa e personagens contidos em determinada obra, gerando o engajamento e interesse dos alunos(as).

Especificamente na Geografia, afirma Cavalcante (2020), é possível captar o espaço geográfico a partir das geograficidades que determinada obra literária pode apresentar, uma vez que toda obra de literatura se configura como um produto de relações socioespaciais representadas de forma escrita, qualquer que seja sua natureza, independentemente de ser de cunho científico, ou não. Pois toda e qualquer obra de literatura usa o espaço geográfico como palco, como já preconizava Souza (2014, p 11)” O espaço se apresenta como a base metodológica da Geografia e na Literatura constitui-se como alicerce para o desenvolvimento das narrativas.”

Neste mesmo pensar Nascimento (2016), aponta que a literatura de fantasia, mesmo se passando em realidades fictícias, se configura como reprodutora de valores e saberes humanos, geográficos inclusos, projetados e representados simbolicamente de forma fantástica, pois apresentam espaços e relações sociais, regados de ecos da realidade em suas tramas e agentes, ainda neste sentido, afirma Theves (2012, p. 61) “A relação entre Geografia e literatura pode ser pensada pela categoria espaço. Todas as personagens presentes nas histórias relatadas inseriam-se em um estar-no-mundo, mesmo que imaginário. E o estar-no-mundo é ser-no-mundo, assim, o espaço se faz ontológico”.

Deste modo, valendo-se dos pontos destacados, faz-se necessária a compreensão dos elementos da Geografia aqui propostos para análise, sobretudo, para o seu ensino e finalidade na Geografia escolar

3.3 O LUGAR PARA GEOGRAFIA.

Entender o conceito de lugar para Geografia é desconstruir a ideia de que este faz referência apenas a localização, a um dado recorte espacial em escala local. Tal compreensão ainda remonta dos princípios da consolidação da Geografia enquanto ciência, onde prevalecia a ideia que definia a Geografia como a ciência dos lugares e não dos homens, onde existia interesse exacerbado sobre os aspectos naturais em detrimento dos humanos. (LISBOA, 2007).

Duas principais abordagens a respeito do conceito de lugar se destacaram ao longo da história da Geografia, a primeira pertencente a corrente crítica da Geografia e a segunda alinhada com a Geografia humanística, sendo elas, respectivamente, a abordagem do

materialismo histórico dialético, de cunho marxista, e a abordagem fenomenológica, de cunho humanista. Dentro do materialismo histórico dialético, o lugar é entendido como o estágio de reprodução concreto do modo de produção capitalista vigente, sendo no cotidiano, no dia a dia, que as demandas e desígnios dos grandes capitais se materializam (LEITE, 2018)

Nesta vertente de pensamento, Carlos (2007) aponta que os lugares assumem apenas o papel de estágio final e concreto de formação do espaço geográfico de acordo com os desígnios do modo de produção capitalista, são a materialização da globalizante homogeneização do espaço decorrente das demandas do capital, cuja produção de fragmentações desse espaço se daria apenas pelas desigualdades sociais existentes em tais lugares, ignorando qualquer influência que os fatores identitários, de pertencimento e afetivos para com esse espaço teriam.

Para a abordagem fenomenológica, ligada a Geografia humanística, o lugar não diz respeito apenas a uma mera realidade material resultante da formação do espaço, como destaca Tuan (1983), existe uma distinção clara entre espaço e lugar. O espaço diz respeito apenas a realidade física e material, sendo o lugar, a atribuição de significados a esse espaço, frutos das experiências, vivências e sentimentos individuais e de grupos sociais para com o espaço.

O lugar tem um caráter fenomenológico, onde a depender de como cada indivíduo ou grupo se relaciona com o espaço, este apresentará significados e valores distintos provenientes desta interação ao longo da de sua história, ou seja, produzindo lugares distintos para cada um. (TUAN, 1983).

Para Lisboa (2007), o lugar está intimamente ligado as relações e sentimentos humanos para com o espaço, recebe a alcunha de lugar, locais nos quais se desenvolvem relações sentimentais, afetivas e de pertencimento. Relações essas que se dão em níveis diferentes para o autor, desde o lugar de um indivíduo, até o lugar para um povo.

O lugar para um indivíduo está intimamente relacionado aos laços emocionais criados por este pra com seu espaço, fruto de suas experiências e vivências para com ele, que se dão por meio das relações cotidianas com outras pessoas estabelecidas neste lugar e com o próprio espaço em si, que atribuem a este, significados e valores (LISBOA, 2007), sejam estes positivos ou negativos como afirma Benko (1994).

O lugar entendido a partir de um escopo maior do que o pessoal e individual, o lugar para um povo, segue a mesma linha de relações e afetividades para com o espaço, só que em escala maior, as relações de uma comunidade para com o espaço, onde coletivamente se desenvolve pertencimento, significados, identidade e valores, empregados ao espaço e construídos historicamente, traduzidos na forma de costumes, valores, normas sociais e relações, produzidas, reproduzidas e reafirmadas em um lugar. Neste sentido, pode o lugar surgir,

também, como um espaço de resistência a forças externas, padronizadoras e homogeneizadoras da globalização. As relações identitárias do lugar podem ser resposta a este processo, reforçando e reafirmando perante ele a continuidade de sua reprodução, freando a produção de espaços pasteurizados e sem identidade. (LISBOA, 2007).

O papel do lugar para Geografia escolar a partir de uma abordagem humanística e fenomenológica parte da compreensão de que o conceito de lugar para Geografia, assim como os demais conceitos centrais dessa ciência, configura-se como uma categoria de análise, podendo servir como uma forma de interpretar a realidade espacial e seus fenômenos, sendo assim, uma forma de se perceber e interpretar o espaço, de perceber este espaço a partir das relações afetivas, sentimentais e identitárias (SIQUEIRA, 2017).

Segundo defende Leite (2018), o lugar pode apresentar duas importantes facetas para o ensino de Geografia. A primeira relacionada à docência, onde caberia ao professor apropriar-se de tal conceito e utilizá-lo em suas aulas, fazendo com que conteúdos e discussões em sala passem pelo lugar dos alunos(as), atraindo sua atenção a partir das suas relações de afetividade e pertencimento para com o seu espaço, permitindo o desenvolvimento de sua sensibilidade a partir de sua realidade espacial. A segunda faceta, estaria relacionada ao desenvolvimento da cidadania dos alunos, onde essa compreensão e forma de analisar a realidade espacial possibilita que os alunos desenvolvam uma abordagem humana e sensível dos fenômenos geográficos que estudam e se depararam ao longo de suas vidas. Buscando entender que os fenômenos geográficos se passam no lugar de alguém, e que os grupos sociais inseridos nas dinâmicas destes fenômenos, também partilham de relações afetivas, identitárias e de pertencimento construídas historicamente com esses espaços.

3.4 CARTOGRAFIA E A GEOGRAFIA

Falar sobre a importância da cartografia para a Geografia, é voltar-se para o objeto de estudo da Geografia, que a diferencia das demais ciências (GOMES, 2009). É também, como afirma Raisz (1969), compreender o papel do geógrafo frente ao principal produto da cartografia, o mapa.

Segundo Gomes (2009), o espaço geográfico configura-se como o objeto de estudo da Geografia, fruto das interações entre fenômenos humanos e naturais. Desse modo, cabe a Geografia, compreender a ordem espacial de tais fenômenos, compreender as razões por trás de sua espacialização, bem como as interações destes fenômenos atuam formando o espaço, desenvolvendo assim, um raciocínio espacial.

Para Raisz (1969, p. 1) “O objetivo da cartografia consiste em reunir e analisar dados e medidas das diversas regiões da terra, e representar graficamente em escala reduzida”, em outras palavras, tem como objetivo a representação da superfície em um produto final, o mapa. Ainda segundo o autor, o cartógrafo e geógrafo desempenham papéis distintos perante tal produto, onde cabe ao cartógrafo reunir e analisar os dados afim de criar a representação do espaço em escala reduzida e a confecção do mapa. Cabe ao geógrafo interpretar os fatos e fenômenos contidos em um mapa. Além dessa relação, para Raisz (1969), o mapa tem papel fundamental na empreitada do geógrafo em entender e analisar o espaço geográfico, uma vez que o estudioso de Geografia, perante sua pequenez em relação a vastidão de seu objeto de estudo, é incapaz de fazê-lo sem o auxílio de um mapa, que adapta a grandiosidade de seu objeto de estudo na superfície reduzida e plana de um mapa.

A cartografia faz-se fundamental para o ensino de Geografia, pois, conforme Costa (2012), o mapa é o produto que melhor representa o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico, o mapa não deve ser visto apenas como uma mera representação da superfície terrestre, mas como meio de análise dos fenômenos e agentes formadores do espaço geográfico, onde a partir da espacialização do que está representado, desenvolver o raciocínio espacial nos alunos, a capacidade de relacionar os elementos e fatores constituintes desse espaço de forma integrada, criando modelos explicativos e reflexivos sobre sua espacialização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após análise do livro “O Hobbit”, foi constatada a presença dos elementos necessários para seu uso como material paradidático no estudo do conceito geográfico de lugar e para cartografia. Baseando-se no que Cavalcante (2020) chama de Geografia literária, a obra apresenta precedentes para a discussão dos elementos geográficos aqui propostos. Neste sentido, a discussão dos resultados se deu em dois principais subtópicos, sendo eles: Multifaces do Lugar em “O Hobbit” e Cartografia e raciocínio espacial em “O Hobbit”.

4.1 AS MULTIFACES DO LUGAR EM “O HOBBIT”

O lugar percebido em “O Hobbit” mostrou-se alinhado com as concepções defendidas pela Geografia Humanística e fenomenológica para este conceito, sendo importante ressaltar que o lugar se faz presente como um dos pontos chaves de discussão do livro, uma vez que narra a aventura do personagem central, o hobbit Bilbo Bolseiro (extremamente apegado à sua

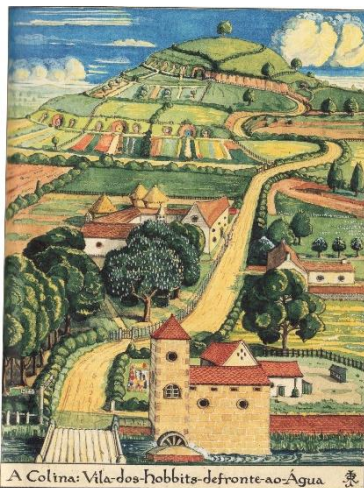
casa, o seu lugar), em ajudar mesmo que de forma relutante a princípio, os anões de Erebor a reaver o seu antigo lar, o seu lugar, que fora tomado pelo terrível dragão Smaug. Onde Bilbo, por ser tão apegado à sua casa, entende mais do que ninguém a importância de se ter um lar, de pertencer a algum lugar.

O lugar visualizado no livro apresenta um caráter multifacetado, alinhado com a distinção defendida por Lisboa (2007) que discorre sobre os diferentes escopos que o lugar pode apresentar: lugar para um indivíduo e para um povo. Estes pontos foram identificados na narrativa do livro permeados pelo caráter fenomenológico e subjetivo que o lugar apresenta segundo as ideias de lugar defendidas por Tuan (1983).

A definição de lugar para um indivíduo é representada essencialmente pelo protagonista da estória, Bilbo Bolseiro, uma vez que ele, discorre Tolkien (2019), permaneceu em sua toca de hobbit, deixada pelo seu pai, por 50 anos interruptos. Nela construiu seus laços afetivos para com este lugar.

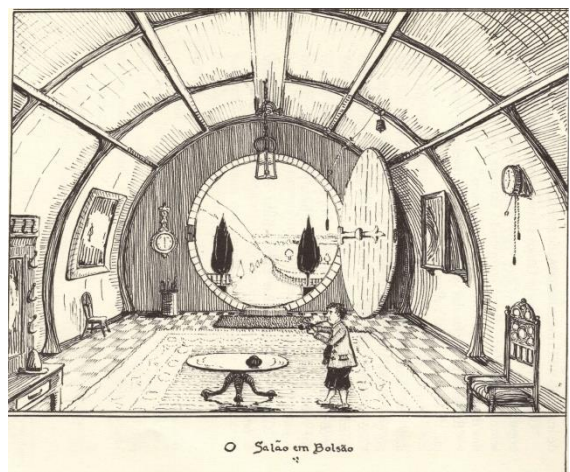
É no Condado, na Colina, que se localiza a Vila dos Hobbits (FIGURAS 1 E 2), onde estão os legados de sua família, materializados espacialmente “Os Bolseiros tinham vivido na vizinhança d’A Colina desde tempos imemoriais e as pessoas os consideravam muito respeitáveis”. (TOLKIEN, 2019, p. 27).

Figura 1 – Vila dos hobbits.



Fonte: Tolkien (2019)

Figura 2 – O Salão em Bolsão, a toca de Bilbo.



Fonte: Tolkien (2019)

Assim, o protagonista fornece o entendimento do lugar como representação das relações de pertencimento de um indivíduo para com o seu espaço vivido conforme defende Lisboa (2007). Destacando não só como os laços afetivos para com o espaço em si, mas como as relações cotidianas mantidas com outras pessoas neste ao longo de sua história, podem atribuir

valores, significados e sentimentos ao espaço, deixando de ser uma mera realidade espacial e se constituindo como lugar conforme aponta Tuan (1983) ao defender este conceito.

Na narrativa da estória, Bilbo é extremamente apegado à sua vida segura e pacata em sua toca, “[...] na verdade, parecia sossegado a ponto de parecer imóvel” (TOLKIEN, 2019, p. 29). É relutante por muitas vezes em juntar-se a aventura dos anões na reconquista de seu lar, quando convocado para a missão expressa que hobbits são pessoas simples e pacatas, que não se envolvem em aventuras, pois estas são perigosas (TOLKIEN, 2019).

Em vários outros exemplos ao longo de toda a estória, está presente a sua renúncia a deixar seu lugar de conforto e segurança. Assim, foi destacado outro ponto de definição de lugar, como sendo aquele espaço onde os indivíduos se sentem seguros e confortáveis conforme defende Tuan (1983).

O apego do hobbit para com seu lugar, é revisitado constantemente na obra, mesmo depois de já ter ingressado em sua aventura com os anões, onde por muitas vezes suplicava pelo conforto e segurança do seu lar, sentindo-se deslocado na aventura, e não pertencente a maior parte dos lugares por onde passou, tal sentimento é visualizado ao longo da narrativa.

No decorrer da estória desejou por várias vezes retornar para sua toca, como destacado nos trechos seguintes; “Queria estar em casa, na minha toca gostosa, ao lado do fogo, com a chaleira começando a cantar!”. (TOLKIEN, 2019, p. 57), este sentimento de apago pode ser ainda registrado na estória, quando descreve que ao se aproximarem do reino élfico de Valfenda:

[...] se sentiu mais cansado do que jamais lembrava de se sentir antes. Estava pensando mais uma vez na sua cadeira confortável, diante do fogo em sua sala de estar favorita da toca de hobbit e na chaleira cantando. Não foi a última vez!”. (TOLKIEN, 2019, p. 70),

Este pensar de apego ao lugar transcrito na narrativa do livro de fantasia já mencionado, ainda se expressa quando iniciaram o caminho tortuoso pelas montanhas nevoentas, onde sentiu saudades de sua toca e de seu país, o mesmo sentimento se repete quando estavam com dificuldades em encontrar o caminho correto para passar pela cadeia de montanhas “Bilbo sabia onde que ficava seu próprio país, cheio de coisas seguras e confortáveis, e sua pequena toca hobbit”. (TOLKIEN, 2019, p. 81).

A mesma sensação de apego ao lugar sentiu quando passaram por apuros na floresta negra de Trevamata “[...] não pela última vez, pôs-se a pensar em sua longínqua toca de hobbit, com suas belas dispensas”. (TOLKIEN, 2019, p. 178). Ainda nos momentos finais de sua aventura na chegada a Montanha Solitária, mais uma vez desejou pela segurança de seu lugar

“Pessoalmente, não tenho esperança nenhuma e queria era estar seguro lá em casa”. (TOLKIEN, 2019, p. 244).

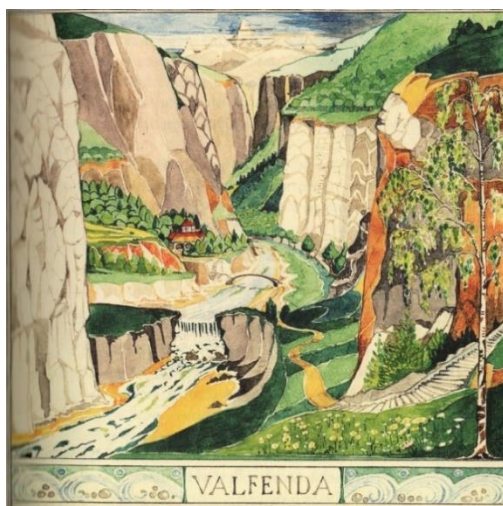
Este sentimento é repetido por incontáveis vezes ao longo da estória, onde não cabe no momento listar todas, uma vez que serviriam apenas para reforçar os pontos aqui destacados sobre o apego ao lugar

Notadamente, o autor do livro de fantasia ora analisado apresenta o protagonista sentindo saudades dos costumes, tradições, das relações cotidianas e simples com os outros hobbits e que mantinha com seu lugar, como enquanto faziam uma difícil travessia pelas montanhas, recordou “Vão fazer a colheita e catar amoras antes que nós comecemos a descer pelo outro lado”. (TOLKIEN, 2019, p. 81).

As descrições de apego telúrico apontadas acima, estão alinhadas com as ideias de Leite (2018), em que postula e entende a identidade de um lugar, seus significados e sentimentos a ele atribuídos, passam não só pelas relações do indivíduo para com o espaço material, mas essencialmente, pelas relações cotidianas com outras pessoas neste espaço.

Os pontos até aqui destacados também se alinham e reforçam o entendimento sobre o caráter fenomenológico que o conceito de lugar apresenta segundo Tuan (1983), pela forma com a qual Bilbo se relaciona com sua toca, uma vez que nenhum dos demais personagens demonstra tal sentimento para com ela além do próprio hobbit. Este aspecto fenomenológico fica notório pela forma que sentia saudades de sua casa e verdadeira repulsa pela maior parte dos pontos de sua jornada (TOLKIEN, 2019). Dentro da narrativa literária da obra, o aspecto fenomenológico do lugar também pode ser visto no personagem para além de seu lugar natal, na forma como sentiu afeição por apenas um outro lugar, o reino élfico de Valfenda.

Figura 3 – Valfenda



Fonte: Tolkien (2019)

Até então, não existiam outros lugares para Bilbo além de sua toca no Condado, nenhum lugar que despertasse uma sensação semelhante de segurança, conforto e afeto. Essa mudança de sentimentos e apego muda após sua estadia em Valfenda, que dura 14 dias, “Bilbo teria ficado contente por lá para todo o sempre, mesmo supondo que bastasse desejar para que fosse transportado diretamente de volta à sua toca de hobbit”. (TOLKIEN, 2019, p.75). No trecho acima, Bilbo estaria disposto a permanecer em Valfenda, mesmo com a possibilidade de retorno para sua toca, tal apego a este lugar é reafirmado ao final da aventura, pois em seu caminho de volta para casa, hospeda-se por mais um tempo no reino élfico, mesmo que com muita vontade de retornar a sua toca. “No entanto, mesmo aquele lugar não era capaz de segura-lo muito, e ele pensava sempre em sua casa” (TOLKIEN, 2019, p. 318).

O caráter fenomenológico do lugar presente na figura do pequeno hobbit se estende na forma como passou a enxergar Valfenda como um lugar após suas experiências e vivências, mas também como atribuiu significados e valores aos lugares que passou e como estes causaram uma mudança interna em Bilbo “Já era um hobbit muito diferente daquele que tinha fugido de Bolsão” (TOLKIEN, 2019, p. 238). Neste sentido, em concordância com as ideias de Leite (2018) quando afirma que os lugares, além de serem significados pelos indivíduos, exercem sobre estes o poder de moldar a forma de viver, pensar e se comportar, mediante a realidade neles experienciada.

Esta mudança em Bilbo é decorrente das suas vivências na aventura, nos lugares que passou, locais que o mesmo recorda em sua viagem de volta com o término da aventura “Em cada ponto da estrada Bilbo recordava os acontecimentos e as palavras do ano anterior[...]”. (TOLKIEN, 2019, p. 319), dessa forma, agora tinha memórias impregnadas naqueles espaços.

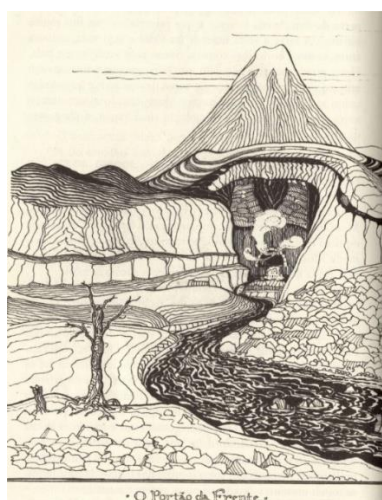
Adentrando neste momento no segundo escopo para lugar defendido por Lisboa (2007), o lugar para um povo, que consiste na ideia que as relações com o espaço; de pertencimento, de desenvolvimento de afetividade, identidade com base nas experiências e vivências, transcende a escala do indivíduo, representando assim, as relações do lugar na escala de um povo, um grupo de indivíduos, na forma como coletivamente atribuem valores, significados e sentimentos a este lugar, que se materializam em sua história, tradições, costumes e identidade associadas ao espaço.

Na narrativa de “O Hobbit”, essa definição acima descrita do conceito de lugar se faz presente nos diversos povos e reinos que são apresentados ao longo da estória: no condado, lugar dos hobbits, nos reinos élficos, em Valfenda, no reino dos elfos silvestres em Trevamata, e ainda na cidade do lago, Esfaroth, reino dos homens. Contudo, é no lugar dos anões de Erebor,

da Montanha Solitária, que a relação com o lugar para além do indivíduo é percebida na narrativa, é a reconquista de seus lares e tesouros, o motivo pelo qual se deu início a aventura do Pequeno Bilbo (TOLKIEN, 2019).

Os anões de Erebor, após a tomada de seus lares pelo temível dragão, tiveram de vagar em busca de lugares onde pudessem viver, como conta Thorin, o príncipe dos anões “fomos embora, e tivemos que ganhar a vida da melhor maneira que podíamos para lá e para cá pelas terras[...]”. (TOLKIEN, 2019, p. 51), estes lugares para os anões não eram suficientes, não se sentiam pertencentes a eles, nesses lugares não estava sua identidade, afetividades, sentimentos, lembranças, legado, história, tradições, costumes e riquezas, ou seja, todos os elementos que transformam o espaço em lugar para um povo (LISBOA, 2007). De acordo com a narrativa, tais coisas para os anões estariam em Erebor, na Montanha Solitária (FIGURA 4).

Figura 4 – Erebor



Fonte: Tolkien (2019)

Pois foram os antepassados de Thorin que desbravaram a Montanha Solitária “nossa família foi expulsa do Norte distante e retornou, com toda e suas ferramentas, a essa montanha no mapa. Tinha sido descoberta por meu ancestral distante, Thrain”. (TOLKIEN, 2019, p, 49), fundando o reino de Erebor. Foi no espaço da montanha solitária que o povo anão se desenvolveu “ficaram imensamente ricos e famosos, e meu avô se tornou rei sob a montanha de novo”. (TOLKIEN, 2019, p.49), e viveram por séculos, mesclando sua história, identidade e sentimentos com aquele reino, transformando-o em seu lugar, pois por mais que o reino tenha sido fundado por seu avô, lá viveram por séculos plantando suas raízes, uma vez que a expectativa da vida dos anões ultrapassa os 200 anos (TOLKIEN, 2019).

É justamente o passado, o legado e significado que os anões atribuem ao seu antigo lar, que faz com que não se conformem com a vida que levaram em lugares posteriores (TOLKIEN, 2019), uma vez que sua identidade, sentimentos e legados não se encontram neles. Nesse ponto, o lugar para o povo e o lugar para o indivíduo se assemelham dentro do livro mais uma vez.

O momento emblemático de ânsia e melancolia pela saudade de seus antigos lares é marcada nos momentos iniciais da trama, quando a comitiva de anões, 13 no total, relembram, na toca de Bilbo, enquanto faziam a proposta para o mesmo juntar-se a aventura e, por conseguinte ficar distante do seu lar. Na narrativa Tolkien (2019, p.39), apresenta uma canção entoada pelos anões e que sintetiza a saudade dos seus lares e lugar “[...] começaram a cantar enquanto tocavam, o canto vindo do fundo da garganta dos anões, nos lugares mais fundos de seus antigos lares”, canção essa, que exprime tanto a tristeza de um povo que perdera seu lugar e a esperança de reavê-lo “Além dos montes em nevoeiro, pras masmorras sem prisioneiro, vamos embora, antes da aurora, buscar nosso ouro feiticeiro”. (TOLKIEN, 2019, p. 39).

Rever o seu lar, o lugar de seu povo, o passado e legado para com aquele espaço, se expressam nos momentos finais da narrativa da aventura dos anões, quando estes chegam à cidade dos homens do lago, Esgaroth, e lá reafirmaram o motivo de sua jornada “[...] nem correntes nem barras podem impedir o retorno ao lar profetizado”. (TOLKIEN, 2019, p. 221). Neste mesmo sentido, os homens da cidade do lago relembram o passado e o legado do povo anão para com seu reino e “[...] cantavam também que Thrór e Thrain voltariam um dia e que rios de ouro correriam através dos portões da montanha”. (TOLKIEN, 2019, p.217).

Ao descrever os acontecimentos da narrativa sobre a montanha solitária é perceptível que as propostas de conceitos defendidas por Lisboa (2007) se afirmam novamente na leitura. Quando adentram em seu reino e as memórias do lugar se manifestam, lembrando seus antepassados que construíram com seus costumes o seu lugar.

Ao entrarem finalmente em seu antigo palácio, o príncipe anão afirma “Nem em mil anos eu haveria de esquecer os caminhos deste palácio”. (TOLKIEN, 2019, p. 264), reforçando assim, o apego que tem por seu lugar e de como a memória deles permanecia, mesmo depois da destruição causada pelo dragão “embora tudo estivesse conspurcado e queimado pelas idas e vindas do monstro, Thorin conhecia cada passagem e cada curva”. (TOLKIEN, 2019, p.264).

Dentro das análises a respeito do lugar na obra, foi visualizado mais um aspecto do lugar segundo as ideias de Lisboa (2007) como campo de resistência, que consiste na ideia de que os lugares, devido a formação de identidades, valores, significados e pertencimentos a estes, conseguem resistir as influencias de forças externas, (no caso do mundo globalizado, os processos de homogeneização e padronização das formas de viver do modo de produção

capitalista, que tendem a engolir os fatores identitários e tradicionais preexistentes) mantendo assim suas essências perante tais elementos externos.

As definições do conceito de lugar neste sentido são visualizadas com um olhar geográfico essencialmente na forma como dois grupos se relacionam com seus respectivos lugares, os hobbits com o Condado, na Vila dos Hobbits, em sua forma de vida simples e distante dos grandes acontecimentos da terra média, bem como os anões de Erebor, em sua luta na defesa de seu lar frente aos interesses do dragão, elfos, wargs, gobelins e homens.

No caso dos hobbits, tal resistência se dá por serem totalmente aversos a aventuras, ou saírem do condado “nestas partes! Somos gente simples e quita e não queremos saber de aventuras”. (TOLKIEN, 2019, p.30), fato esse que faz com que povos além do Condado nunca tenham ouvido falar de hobbits, como os trolls, as aranhas e até mesmo o dragão Smaug, que não reconheceram a que raça e povo Bilbo pertencia (TOLKIEN, 2019). Outra forma de resistência que os hobbits apresentam para manutenção de sua forma de vida e identidade, é o fato de serem indiferentes aos acontecimentos externos ao condado.

Um ponto que ressalta esta característica, seria o fato de como as informações dos grandes acontecimentos da Terra Média não chegam até o Condado, como por exemplo, os acontecimentos da aventura de Bilbo. Assim, “[...]notícias já tinham chegado ao oeste, até as matas de pinheiros das Montanhas Nevoentas, Beorn as ouvira em sua casa de madeira, e os gobelins reuniam-se em concelho em suas cavernas”. (TOLKIEN, 2019, p. 277), enquanto no Condado, tais acontecimentos só foram descobertos após a chegada de Bilbo e mesmo assim, eram vistos com bastante descrença e o julgavam louco “puseram a mão na testa e disseram coitado do velho Bolseiro, e embora poucos acreditassem em qualquer uma de suas histórias”. (TOLKIEN, 2019, p. 322).

Dessa forma, o lugar se torna uma resistência para os hobbits e eles se contentam em ignorar e serem ignorados pelo mundo das pessoas grandes, mantendo-se isolados e protegendo sua identidade, costumes e forma de vida para com o seu lugar. Se os hobbits resistiam e mantinham seu lugar de forma pacífica e isolada, o mesmo não pode ser dito dos anões, que literalmente tiveram de batalhar para resistir em seu lugar perante a investida e interesses de grupos externos pelo tesouro de seu povo.

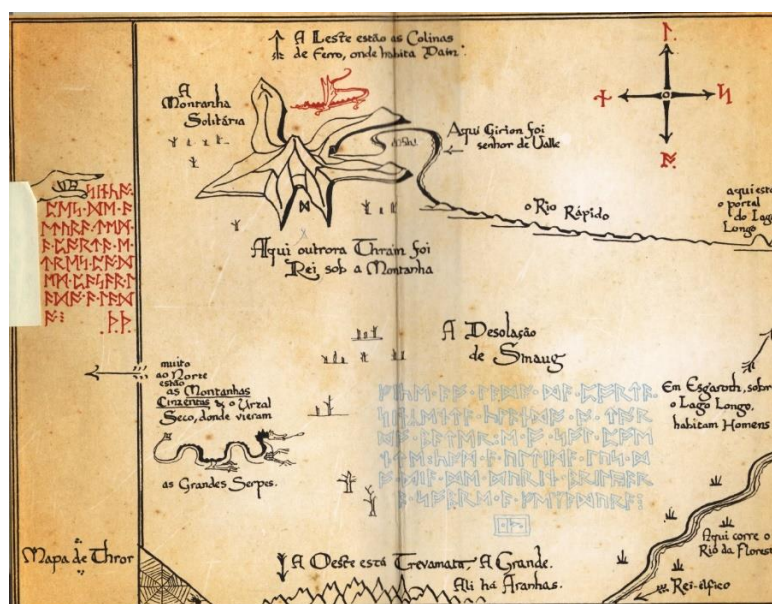
Este embate de interesses e significados para com o espaço, evidencia o caráter fenomenológico do lugar defendido por Tuan (1983), de que os espaços apresentam significados distintos a depender de quem se relaciona com eles, das vivências e histórias com os lugares, atribuindo a eles significados distintos, pois para cada povo envolvido na batalha, o reino anão tinha um significado e valor distinto, resultando também em interesses distintos.

Seria redundante discorrer sobre o que o reino dos anões significa para eles uma vez que já fora dedicada parte deste trabalho para tal fim, focando agora na forma como resistiram e defenderam o seu lugar perante tantas hostes e na forma diferenciada como se relacionavam com o seu reino em relação aos demais. O tesouro dos anões era visto, assim como o seu lugar, como um legado do passado de seu povo uma vez que para eles, o tesouro não representava apenas riqueza, “estava de olho em muitas outras coisas maravilhosas que jaziam lá envolta das quais estavam traçadas antigas memórias dos labores e tristezas de sua raça [...] ao tesouro do meu povo, homem nenhum tem direito”. (TOLKIEN, 2019, p. 287), ressaltando aqui mais uma vez as ideias de Lisboa (2007), de como o lugar para um povo se reflete nas memórias do grupo de indivíduos que impregnaram e fundiram com sua espacialidade e o que nela fora produzido.

4.2 CARTOGRAFIA E RACIOCÍNIO ESPACIAL EM “O HOBBIT”

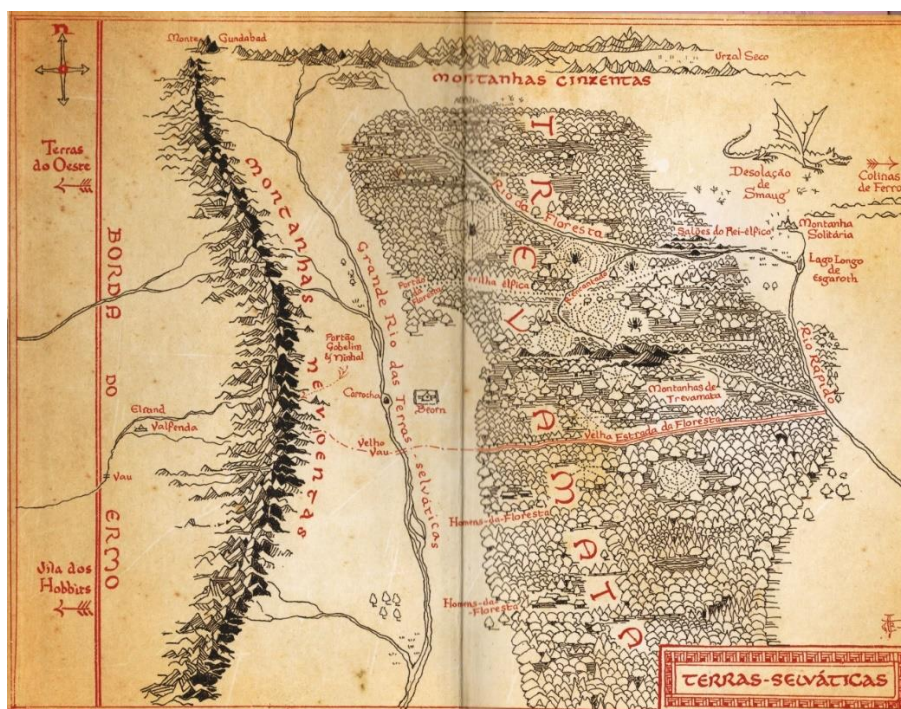
Para entendimento da narrativa do livro, se faz necessário ainda, tecer considerações sobre os elementos cartográficos contidos na obra. Os elementos cartográficos dispostos no livro estão centrados em dois mapas ficcionais que desempenham papel fundamental para o entendimento da aventura e desenrolar da trama que envolve os anões, possibilitando ao leitor, visualizar a espacialização dos fenômenos, acontecimentos e dinâmicas da narrativa ficcional mencionada. Ressalta-se que o primeiro mapa apresentado fora utilizado pelos anões ao longo da aventura e o segundo demarca o trajeto da aventura para os leitores, ambos elaborados pelo autor da obra (FIGURAS 5 e 6).

Figura 5 – Mapa usado pelos anões



Fonte: Tolkien (2019)

Figura – 6 Mapa da jornada dos personagens



Fonte: Tolkien (2019)

O primeiro ponto a ser destacado, é que mesmo se tratando de mapas que retratam uma realidade ficcional, podem ser usados para representar a função primordial de um mapa.

Segundo Raisz (1969), os primeiros mapas nascem da necessidade de se representar a superfície, portanto, o espaço geográfico, com todos os seus acidentes geográficos, elementos naturais e sociais que o compõe. Os mapas da trama podem ser visualizados com uma estética, rudimentar e fora dos padrões da cartografia moderna e que remontam aos mapas arcaicos. Na visão de Raisz (1969), mesmo estes mapas rudimentares, arcaicos e desprovidos de muita precisão, atendiam aos propósitos de compreensão do espaço onde os indivíduos estão inseridos.

Ainda dentro dos aspectos visuais dos mapas da trama, por mais que se tratem de mapas ficcionais, ambos apresentam, convenções cartográficas (de forma rudimentar e fora dos parâmetros reais) como título, legendas, símbolos, rosa dos ventos, entre outros elementos que são fundamentais para a finalidade do mapa, que consiste na sua leitura, compreensão, interpretação e reflexões a respeito do espaço representado (MENEZES, 2013), auxiliando no entendimento da trama que envolve os personagens da história, possibilitando clarear e espacializar o(a) leitor(a) dentro da narrativa da obra.

Dentro da trama o papel e função do mapa se faz central, uma vez que é o principal desencadeador da aventura dos anões “[...] ele abriu um pedaço de pergaminho que lembrava um mapa [...] foi feito por Thrór, seu avô, Thorin, disse ele em resposta as perguntas empolgadas dos anões, é uma planta da montanha[...]”. (TOLKIEN, 2019, p. 47), que pode ser visto na figura 05.

Pensar o mapa utilizado pelos anões, recai nas ideias defendidas por Raisz (1969), quando aponta que os mapas são também, o registro do passado e história e sabedoria de um povo. Na estória, o mapa mencionado continha a localização de uma antiga entrada secreta para a montanha onde estava o reino e tesouro dos anões, essencial para que pudessem reconquistar o seu lugar e onde poderiam entrar sem ser atacados diretamente pelo dragão, assim o autor descreve: “[...]é a entrada secreta. Veem a runa do lado Oeste e mão apontando para ela perto de outras runas? Isso marca uma passagem oculta para os Salões Inferiores”. (TOLKIEN, 2019, p. 47).

Desta forma, foi perceptível que o ponto crucial da aventura dos anões em reaver o seu lar, foi o mapa deixado para Thorin, pois a entrada secreta nele descrita, não poderia ser acessada pelo dragão uma vez que “é pequena demais [...] Smaug não conseguiria passar se enfiar num buraco desse tamanho”. (TOLKIEN, 2019, p. 47). O autor descreve assim a importância do mapa para a estória ser desenvolvida e aponta que o pai de Thorin antes de morrer sinaliza “A única coisa que seu pai desejava era que o filho dele lesse o mapa”. (TOLKIEN, 2019, p.52).

Nesse sentido, o conto da obra ressalta mais uma vez a importância dos mapas como registro de informações, bem como, para se pensar o espaço (RAISZ, 1969). Em outra passagem do texto, o autor relata que os anões fizeram uso do mapa para planejar sua rota até a montanha e a passagem secreta, refletindo sobre quais caminhos deveriam tomar, levando em consideração os perigos e elementos que compunham o espaço. Estes locais destacados na narrativa da obra podem ser facilmente visualizados no mapa da figura 05.

Pensamos em ir para o leste, do modo mais discreto e cuidadoso que pudermos, até chegar ao lago longo[...] Poderíamos partir de lá ao longo do Rio Rápido, continuou Thorin, sem lhe dar atenção, e assim chegar as ruínas de Valle[...] O rio passa por ele através da grande encosta no Sul da Montanha e, é de que o dragão sai também. (TOLKIEN, 2019, p. 48).

Outro ponto a se destacar, é o fato de que as convenções cartográficas de um mapa, como pensa Menezes (2013), se fazem essenciais para o seu entendimento, e também podem ser vistas no mapa dos anões. Destaque nesse sentido vai para a legenda que indica a existência

de uma entrada secreta nas runas (no idioma fictício dos anões) e também apresenta runas ocultas (as letras em azuis na figura 05) utilizadas pela magia dos anões que revelavam o local exato da entrada e o único momento do ano em que o encantamento da porta permitiria que entrassem no seu reino “Há letras-da-lua aqui, ao lado das runas normais, que dizem Cinco pés de altura a porta, e três podem entrar lado a lado”. (TOLKIEN, 2019, p.79), “Fique ao lado da pedra cinzenta quando o Tordo bater, leu Elrond, e o sol poente com a última luz do Dia de Durin brilhará sobre o buraco da ferradura”, (TOLKIEN, 2019, p. 80).

Estas narrativas da estória enfatizam as ideias de Menezes (2013), de que as legendas, como as demais convenções cartográficas são cruciais para se entender um mapa e refletir sobre este, e o mais importante, compreender seu propósito, fato esse que é cada vez mais reforçado ao longo da estória do livro.

Dessa forma, uma das convenções cartográficas do mapa, a legenda, foi imprescindível para os anões em sua jornada, graças a atenção que Bilbo dispôs ao mapa “Com frequência pedia emprestado o mapa de Thorin e o observava, analisando as runas e mensagem das letras-da-lua que Elrond tinha lido”. (TOLKIEN, 2019, p. 230), sendo ele quem no final localizou a entrada devido sua atenção a legenda. Ainda que de forma ficcional, fica ressaltado a importância de tais elementos cartográficos e da capacidade de entendê-los para que o mapa atenda a seu propósito e finalidade.

Adentrando ainda nos elementos da cartografia analisados na obra, vale chamar atenção para a discussão a respeito do papel dos mapas no desenvolvimento do raciocínio espacial, terminologia defendida por Costa (2012), ponto essencial que está alinhado ao objeto de estudo da Geografia.

Colaborando na discussão do desenvolvimento do raciocínio espacial citando Gomes (2009), onde o mesmo aponta que este desenvolvimento consiste no entendimento da ordem espacial das coisas, em entender, refletir e produzir modelos explicativos sobre o porquê da espacialização dos elementos e fenômenos que compõem o espaço geográfico, sejam eles naturais ou sociais, bem como estes atuam formando o espaço. Onde o mapa, defende Raisz (1969), por representar esse espaço em escala reduzida, auxilia nessa tarefa

Em O Hobbit, o raciocínio geográfico se encontra na forma como o autor explica e justifica espacialmente a espacialização de elementos e fenômenos, como as relações entre estes explicam a dinâmica dos acontecimentos de seu mundo fictício, bem como, estes afetaram o desenrolar da trama, pontos estes, que podem ser visualizados, acompanhados e analisados pelo leitor através de ambos os mapas destacados.

Este aporte do raciocínio é justificado espacialmente quando os anões, o mago e o hobbit pararam para descansar de sua jornada no reino élfico de Valfenda (que pode ser visualizado na parte inferior esquerda da figura 06, que fora escolhido como ponto de descanso por se tratar de um lugar seguro, do ponto de vista espacial, por estar protegido por uma larga cadeia de montanhas, esse lugar é tido como:

[...] escondido em algum lugar à nossa frente está o belo reino de Valfenda[...] a última casa Hospitaleira a Oeste das Montanhas[...] era de fato uma terra muito mais vasta, do vau até as montanhas[...] chegaram a vales inesperados, estreitos e com encostas íngremes[...]. (TOLKIEN, 2019, p. 71)

Na narrativa o autor aponta o lugar entre o vau e as montanhas que se tratava de um terreno elevado, desta forma, o seu acesso se dava por um terreno extremamente acidentado e de difícil acesso. Assim, a aventura dos anões é permeada por lugares acidentados que os mapas da trama apresentam em sua configuração conforme a narrativa do autor da obra:

[...]chegaram à beira de uma descida íngreme do solo tão de repente, que o cavalo de Gandalf quase escorregou encosta abaixo [...] eles deslizavam e escorregaram no lusco-fusco, descendo o caminho íngreme em zigue-zague que levava ao vale secreto de Vlafenda”. (TOLKIEN, 2019, P. 72).

Nesse sentido, entender os mapas destacados no decorrer da narrativa é essencial para a compreensão do raciocínio geográfico e entendimento da narrativa. O autor aponta que apenas aqueles que conheciam o caminho poderiam chegar até lá, assim, a aventura dos anões instiga a pensar e imaginar os lugares descritos na estória e que em sua essência contém pontos basilares dos conhecimentos geográficos assim:

[...] o único caminho que havia estava marcado com pedras brancas, algumas das quais eram pequenas, enquanto outras estavam cobertas por musgo[...]” era um trabalho muito lento seguir a trilha, mesmo guiados por Gandalf, que parecia conseguir achar o caminho bastante bem”. (TOLKIEN, 2019, p. 72).

De posse do conhecimento dos lugares e uso do mapa, os anões podem chegar ao reino élfico, considerado como lugar de repouso e descanso para estes e o reino também apresenta características em sua localização e espacialidade como um local seguro pelo seu difícil acesso “Coisas malignas não entravam naquele vale[...]” (TOLKIEN, 2019, p. 76).

Outro ponto que na obra se destaca é a existência e prosperidade do reino humano, a cidade do lago, Esgaroth (que se encontra na parte superior direita na figura 06, próximo a Montanha Solitária), explicada pelo autor através das relações econômicas mantidas com outros

reinos e que só é possível graças à posição geográfica da cidade, uma vez que está situada emersa sob o Rio Rápido “Não muito longe da embocadura do Rio da floresta ficava a estranha cidade que Bilbo ouvira os elfos falarem nas adegas”(TOLKIEN, 2019, p. 2015):

[...] Não tinha sido construída na margem [...] mas bem na superfície do rio [...] Ainda prosperavam com o comercio que subia o grande rio vindo do Sul e era levado de carroça, depois das quedas d’agua para a cidade deles [...] não uma cidade de elfos, mas de homens, que ainda ousavam habitar ali, sob a sombra da distante montanha do dragão [...] por onde escorrem as mercadorias, possibilitando as suas relações comerciais (TOLKIEN, 2019, p. 215).

Tal explanação espacial serve não apenas para justificar a prosperidade da cidade, mas também para o próprio desenrolar da trama, pois um dos reinos com os quais os homens de Esgaroth comerciavam através de uma rede fluvial, era com o reino do Rei-Elfo de Trevamata, assim:

Bilbo ficou sabendo como o vinho e outros bens subiam o rio [...] parecia que uma vila de homens ainda prosperava por lá [...] um riacho corria sob parte das regiões mais baixas do palácio e se unia ao Rio da Floresta [...] a partir dele um rastilho podia ser baixado até o próprio leito do rio[...] Da Cidade do Lago os barris eram trazidos até o Rio da Floresta. (TOLKIEN, 2019, p. 199).

As trocas e relação com o espaço do rio e da cidade é possível ser identificada no entendimento do raciocínio espacial presente na figura 06. Assim, fica fácil a compreensão de como O Rio Rápido se conecta ao Rio da Floresta e por onde os barris com o vinho da cidade dos homens do lago subia dentro da trama narrada pelo autor.

A relação comercial entre homens e elfos da floresta foi crucial para alguns eventos importantes da trama do livro. A fuga dos anões que eram mantidos prisioneiros do Rei-Elfo da floresta, só foi possível porque Bilbo percebeu o fluxo de mercadorias que entravam e saiam dos alçapões do reino através da correnteza do rio. O protagonista da obra observou que os barris vazios eram enviados de volta para cidade dos homens rio abaixo e assim idealizou a fuga.

Quando os barris ficavam vazios, os elfos os jogavam pelos alçapões, abriam o portão d’agua e lá se iam eles na correnteza [...] e flutuavam de volta à cidade do lago[...] Bilbo se sentou e ficou pensando sobre esse portão d’agua e se perguntou se poderia ser usado para fuga de seus amigos[...]”. (TOLKIEN, 2019, p. 200).

A fuga dos anões só é possível pelo conhecimento espacial que o protagonista detém sobre o lugar em que se encontra citando o uso do rio como ponto comercial do reino citado possibilitando a fuga dos anões.

O arranjo espacial também influencia nos acontecimentos finais da trama, nas batalhas da aventura. Contudo, isto ocorre de maneira mais incisiva na forma que a cidade do lago resiste ao ataque do dragão, pois por estar emersa sob o rio, “a ponte que levava a terra firme foi derrubada e destruída [...] estavam numa ilha com água profunda”. (TOLKIEN, 2019, p. 271), então se tentasse atacar pelo rio, teria seu fogo apagado “apagaria seu fogo antes que conseguisse passar”. (TOLKIEN, 2019, p. 271), dessa forma, os homens de Esgaroth, através do conhecimento de seu espaço geográfico, defenderam-se do dragão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do apresentado até aqui, algumas considerações se fazem pertinentes. A primeira e mais importante é referente a premissa central do presente trabalho, que se mostrou verdadeira diante dos resultados obtidos, pois como pode ser visualizado, foi possível fazer a correlação e discussão direta com os elementos da narrativa do livro e o conceito geográfico de lugar, bem como com a cartografia, onde foi possível perceber os paralelos entre os pontos destacados no livro e o pensamento de autores relevantes das referidas áreas. Ilustrando dessa forma, como mesmo livros de fantasia como “O Hobbit” apresentam geografias passíveis de serem trabalhadas, dessa forma, atestando a sua potencialidade como material paradidático para o conceito geográfico de lugar e para cartografia e desenvolvimento do raciocínio espacial.

Vale também destacar as potencialidades contidas na obra analisada que vão além do exposto aqui, uma vez que ao longo de sua leitura e análise, foi possível perceber outros conceitos e elementos de cunho geográfico para além dos discutidos no presente trabalho, que evidenciam a amplitude que obras de fantasia como “O Hobbit” podem apresentar, e que muitas vezes são menosprezadas por narrarem acontecimentos fictícios e fantasiosos, mas que possibilitam a discussão e aplicação de conhecimento científico de forma mais atrativa e cativante que textos acadêmicos enfadonhos.

Os resultados obtidos no presente trabalho apresentam um caráter essencialmente teórico, afinal, o que foi discutido foi a possibilidade de discutir o conceito geográfico de lugar e a cartografia a partir da obra analisada, para assim atestar as suas potencialidades como material paradidático. Dessa forma, o que foi apurado neste trabalho abre precedentes para trabalhos posteriores com um teor prático, aplicando as discussões aqui propostas e colhendo

os resultados frutos desta aplicação. O que não seria uma tarefa fácil, principalmente diante da dura realidade que as escolas apresentam em relação a acervo literário, bem como o pouco hábito de leitura dos alunos, realidade essa que torna mais necessária a inserção de obras literárias nas práticas de ensino.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Luana Alves. **Os conceitos Geográficos em o Hobbit de J.R.R Tolkien.** Orientador(a): Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante. 2021. 67 f. TCC (Graduação) – Curso de Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, 2021.
- AZEVEDO, Sandra de Castro.; ALMEIDA, Cilene Gomes Brito. O paradidático como instrumento facilitador no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 4, n. 6, p. 139-148. Uberlândia,2013.
- BANDEIRA, Denise. **Material didático: criação, mediação e ação educativa.** 1. Ed. São Paulo: Intersaberes, 2009.
- BENKO, Georges. Geografia de lugar nenhum ou hiperglobalização. Breve exame do mundo pós-moderno. In: SANTOS, Milton et al (Orgs). **Território: globalização e fragmentação.** 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1994, p. 247-250.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo, Cortez, 2008. (Docência em formação).
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** FFLCH. São Paulo: 2007. 85p. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>. Acesso em 01 dez. 2022.
- CAVALCANTE, Tiago V. Por uma Geografia Literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE.** João Pessoa, v. 16, n. 31, p. 191-201, set. 2020.
- COSTA, Franklin Roberto.; LIMA, Francisco de Assis Fernandes. Linguagem cartográfica eo ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa vol. 16, n. 2 maio/ago.** Santa Maria, 2012.
- FERNANDEDS, Eduardo Maçano. O livro paradidático em sala de aula: Do planejamento ao uso. In Antonio Carlos Castrogiovanni; Helena Capetti Callai; Neiva Otero Schaffer; Nestor André Kaercher (org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** 1. Ed. São Paulo: UFRGS, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FUENTES, Carlos. Geograficidade, poética e imaginação. In: Eduardo Marandola jr; Lucia Helena Batista Gratão (org.). **Geografia & Literatura: Ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação.** 1. Ed. Londrina: Eduel, 2019.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Um lugar para a geografia**: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco; LOEN-SAHR. Cicilian Luiza; SILVA, Marcia da (org.). **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba/PR: ADEMADAN, 2009.

LEITE, Cristina Maria Costa. O conceito de lugar na perspectiva da geografia escolar. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em educação UFG/REJ**, Volume 14, N. 2, 2018.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa/MG, vol. 4, 2007.

MENEZES, Paulo Márcio Leal. **Roteiro de cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

NASCIMENTO, Francyjonison Custodio. **Dos antros de pedra aos verdes prados**: o lugar em O Hobbit de J.R.R TOLKIEN. Natal: IFRN editora, 2016.

RAISZ, Erwin. **Cartografia Geral**. Tradução Neide M. Schneider. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1969.

SOUSA. D. D. A. Geografia e literatura no caminho de os sertões e vidas secas. 2014, 87 p. Monografia (Curso de Licenciatura plena em geografia) - Universidade Federal de Campina

SOUSA. D. D. A. Geografia e literatura no caminho de os sertões e vidas secas. 2014, 87 p. Monografia (Curso de Licenciatura plena em geografia) - Universidade Federal de Campina
TOLKIEN, Jonh Ronald Reuel. **O Hobbit**: ou lá e de volta outra. Tradução Reinaldo José Lopez. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

THEVES, Denise Wildner. Caminhos e passagens que podem abertos pelos livros: diálogos entre a geografia e a literatura no ensino fundamental. **Revista Percursos**, v. 13, n. 02, pp. 52 – 74, jul./dez. 2012

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.